

## COMO A MULHER NEGRA É VISTA NA CULTURA BRASILEIRA?

Amanda dos Santos Lemos  
Eliziane da Silva Lima  
Isabele Viana Marques  
Kátia Matias dos Santos Borges  
Roseli Rodrigues Pinheiro  
Sara Cristina Parentes Alves

*Universidade Castelo Branco – UCB – amandalemos@castelobranco.br*

**Resumo:** O presente artigo é fruto das reflexões construídas a partir do projeto de pesquisa “Bum Bum Paticumbum Prugurundum – A incorporação de elementos africanos à identidade nacional brasileira”<sup>1</sup>, uma atividade de Iniciação Científica, do curso de Serviço Social, da Universidade Castelo Branco / RJ (UCB). O objetivo do projeto é “estudar a incorporação de elementos da cultura negra na formação da identidade brasileira, a fim de verificarmos como a cultura negra se faz presente na identidade de um país tão grande, tão múltiplo e diversificado, como o Brasil”, mostrando assim, que o povo negro muito contribuiu na construção de uma identidade nacional. Mas, infelizmente, a cultura negra ainda é considerada de menor valor e, por consequência, as pessoas negras também. Nesse sentido, este artigo propõe-se a discutir os estereótipos, arraigados historicamente, na cultura nacional, no que diz respeito a imagem da mulher negra e, sua luta diária para “provar” que é muito mais que isso.

**Palavras-chave:** Etnia – Gênero – Cultura – Sociedade

### INTRODUÇÃO

O artigo que propomos aqui, é fruto das reflexões construídas no projeto de pesquisa “Bum Bum Paticumbum Prugurundum – A incorporação de elementos africanos à identidade nacional brasileira”, uma atividade de Iniciação Científica, do curso de Serviço Social, da Universidade Castelo Branco / RJ (UCB). O objetivo do projeto é “estudar a incorporação de elementos da cultura negra na formação da identidade brasileira, a fim de verificarmos como a cultura negra se faz presente na identidade de um país tão grande, tão múltiplo e diversificado, como o Brasil”. O

---

<sup>1</sup> Acreditamos que a contribuição do povo negro foi imprescindível para a formação da nação brasileira; sua contribuição na economia, na cultura, na religião são inquestionáveis. Percebemos numa análise rápida muitos elementos que remetem a cultura africana, incorporados no nosso dia-a-dia, mas, não conseguimos perceber que isso seja reconhecido e atribuído a sua origem. Como já dito, a cultura brasileira é tida como “a cultura da mistura”, logo entendemos que muitos elementos foram incorporados a essa cultura e os signos culturais africanos não poderiam ficar de fora dessa composição. Somos uma sociedade mestiça, formada da reunião de diferentes povos e tradições, brancos, negros e índios, deram origem à nação brasileira, mas, é preciso analisarmos qual a contribuição específica de cada um desses povos, na formação de nossa identidade nacional, como cada um desses elementos tão distintos se associaram, materializando a teia cultural e de identificação do povo brasileiro. Consideramos então, ser de suma relevância compreendermos quais e como os signos culturais africanos foram incorporados à identidade nacional e, como estes são vivenciados pelos sujeitos. Considerando ainda o caráter histórico e de totalidade da profissão do assistente social, esse projeto se faz de suma importância para aprofundarmos o debate sobre a formação sócio histórica da sociedade brasileira e todos os desdobramentos da inserção da cultura negra na constituição da mesma, além disso, seria a oportunidade de complementarmos as discussões iniciadas com o projeto sobre a identidade da mulher negra, firmando definitivamente o espaço do curso na produção científica nas Ciências Sociais.

projeto vem como desdobramento do projeto de pesquisa “Queens of África ou Barbies? A formação da Identidade da Mulher Negra, moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro”<sup>2</sup>, realizado entre os anos de 2015-2016. O Queens, como nos habituamos a chamar o projeto, trouxe-nos grandes descobertas, permitiu que reafirmássemos muitas certezas, nos redescobrimos, enquanto sujeitos no mundo.

No projeto de pesquisa “Bum Bum Paticumbum Prugurundum”, inspiradas por tão grandiosas trajetórias de mulheres negras, nos propusemos a buscar entender como os costumes e tradições do povo negro, foram incorporados a identidade nacional brasileira e, acabam tendo sua origem despercebidas ou subtraídas, justamente, por serem elementos da cultura do povo capturado, aprisionado, escravizado e subjugado, historicamente, considerada inferior.

Notoriamente, a mulher negra vem conquistando cada vez mais espaço em diversos aspectos, seja na vida profissional, social e/ou pessoal, no entanto esse processo de ascensão social pode ser considerado aquém do tão sonhado ideal, em função de toda a história de desigualdades, preconceitos e discriminação racial e de gênero, a que essas mulheres estiveram sujeitas.

Para abordarmos o lugar onde a mulher negra é vista pela sociedade, é preciso fazer um retorno a um passado não tão distante, conhecido mundialmente, como período escravagista, no qual, entre outros absurdos, estas mulheres eram tratadas e possuídas com “objetos sexuais”. Parece que todas os aviltamentos a que estavam submetidas, esse parece-nos o mais presente, é muita objetificação do ser.

A escravidão “acabou”, mas, a tal emancipação e igualdade almejada pelo povo negro, não veio com a Lei Áurea<sup>3</sup>. Os negros recém libertos, logo se tornaram a população de rua e continuaram considerados selvagens e perigosos, ou seja, margeados dos processos sociais. Para as mulheres a situação é um pouco mais complexa, pois, além de serem negras, são mulheres, sujeitos por natureza considerados de “menor” valor, em relação aos machos alfa.

---

<sup>2</sup> Sentindo a necessidade de problematizar, no seio da Universidade, a questão de gênero e de raça, extremamente acirradas na nossa sociedade tão arcaica, elitista, racista e machista e tão pouco exploradas naquele espaço, o curso de Serviço Social, da Universidade Castelo Branco (RJ), propôs a criação do projeto de iniciação científica “Queens of África<sup>2</sup>” ou Barbies? A formação da identidade da mulher negra moradora da Zona Oeste.

<sup>3</sup> A Lei Áurea, que aboliu oficialmente a escravidão no Brasil, foi assinada em 13 de maio de 1888. A data, no entanto, não é comemorada pelo movimento negro. A razão é o tratamento dispensado aos que se tornaram ex-escravos no País. “Naquele momento, faltou criar as condições para que a população negra pudesse ter um tipo de inserção mais digna na sociedade”, disse Luiza Bairos, ex-ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir).

Após o fim da escravidão, de acordo com o sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995), em sua obra “A integração do negro na sociedade de classes”, de 1964, as classes dominantes não contribuíram para a inserção dos ex-escravos no novo formato de trabalho.

“Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho”, diz o texto. (Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2015-05-13/por-que-os-negros-nao-comemoram-o-13-de-maio-dia-da-abolicao-da-escravatura.html>. Acessado em ago. de 2017).

No Brasil, a desigualdade social apenas, não é determinante quando se trata da mulher negra. A cor da melanina traz algumas consequências ainda maiores para certas mulheres. Nesse sentido, é possível afirmar que as mulheres negras, sofrem dois tipos de preconceitos: o preconceito de gênero e o preconceito de raça. (DUARTE; DIAS, 2016)

É nítido que ainda hoje vivenciamos o legado da escravidão em nosso cotidiano, sob a forma de um racismo silencioso e velado, conforme corrobora Nascimento (2007):

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A ‘herança escravocrata’ sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadoras rurais (...) Se a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial, é tanto devido ao fato de ser mulher de raça negra, como por terem sido escravos seus antepassados. (p. 104)

O comportamento socialmente racista e sexista existente em nossa sociedade até os dias de hoje é fruto de um período, no qual mulheres negras representavam um segmento menos valorizado da sociedade e, seres talvez sem alma, sem sentimentos, sem sensibilidade, eram veneradas e desejadas apenas como objetos sexuais, pela lascívia provocada por seus corpos esculturais, ou úteis, como mão de obra para a lavoura ou (preferencialmente) trabalhos domésticos. Esta é uma posição patriarcal e eurocêntrica, fundamentos que arregimentaram a nossa formação social e histórica, enquanto nação. Homens provedores, mulheres procriadoras e cuidadoras, homens negros fortes trabalhadores, mulheres negras servis, sem grande valor pessoal ou comercial.

Certamente, as desigualdades entre negros e brancos se evidencia em diversos aspectos da vida em sociedade, como confirmado por vários institutos de pesquisa (IPEA, IBGE, INFOPEN), mas, o que nos incomoda e, nos traz aqui, é constatar que culturalmente, a mulher negra ainda é vista como a “mulata” ou a “empregadinha gostosa”, alguém sem capacidade intelectual ou esteticamente bonita, efetivamente livre e capaz para fazer o que pretender.

Ser mulher e ser negra no Brasil significa está inserida num ciclo de marginalização e discriminação social. Isso é resultado de todo um contexto histórico, que precisa ser analisado na busca de soluções para antigos estigmas e dogmas. A abolição da escravatura sem planejamento e a sociedade de base patriarcal e machista, resulta na situação atual, em que as mulheres afrodescendentes são alvo de duplo preconceito, o racial e o de gênero. (SANTOS, 2009)

Assim, propomos aqui uma imersão sobre a cultura nacional para entendermos o lugar que a cultura dominante nos coloca e o enfrentamento histórico e aguerrido que mulheres determinadas

como Dandara<sup>4</sup>, têm para elevar a condição social econômica e política da mulher negra em tempos pós-modernos.

## 2. A IDEOLOGIA DOS DOMINANTES E DOMINADOS

A mulher negra vem de um processo histórico de opressão, vivenciada duplamente pela questão de raça e de gênero, além, do fato social, visto que geralmente, são as mais empobrecidas e violentadas. Se pararmos para pensar, o fim da escravidão aconteceu a 129 anos, ou seja, é muito recente. Historicamente, esse é um tempo muito curto, para que haja uma mudança cultural, para que a sociedade assuma outros posicionamentos e ideologias, especialmente, se essas não trazem benefícios às classes dominantes. Esses comportamentos, racistas e sexista, criam em torno das mulheres negras o estereótipo do objeto sexual, potencializados pela cultura brasileira, que “vende” a imagem da “cabrocha ferosa” ou da “mulata tipo exportação”. No dia a dia, são as que recebem os menores salários, são mais vítimas de violência sexual, tem menos chances de estudo, nas palavras de Elza Soares, “*a carne mais barata do mercado é a carne negra*”.

O carnaval parece ser a época do ano, em que vemos mais pessoas negras nos meios de comunicação, em especial, as mulheres negras. Donas de corpos curvilíneos e exuberantes, povoam o imaginário masculino, lembrando ainda os tempos em que eram feitas escravas sexuais pelos senhores escravocratas. Um exemplo clássico de como a mídia e a cultura tratam a mulher negra é a “Globeza”, figura icônica sustentada pela maior emissora de televisão do país, como símbolo do carnaval. Trata-se de uma mulher negra, pouco pigmentada, com o corpo coberto apenas por tintas e brilhos, sambando sensualmente em frente a câmera. Observem que o ano em que escolheram uma mulher com a pele mais escura e um corpo menos voluptuoso, a moça foi alvo de todo o tipo de ofensa e perseguição. Embora fosse uma forma de exposição na mídia questionável, durante muitos anos, a “Globeza” era a certeza de presença expressiva da mulher negra na televisão brasileira.

Uma obra de destaque da teledramaturgia brasileira, foi o folhetim “Xica da Silva”, novela exibida pela extinta TV Manchete. A novela, que contava a estória da “escrava que virou rainha” chamava mais atenção pelas cenas de erotismo protagonizadas por Xica da Silva, uma escrava, negra, que seduziu um comendador português, que não resistiu os “seus encantos”, lê-se atributos físicos e sexuais, do que necessariamente pela sua estória, enquanto uma personagem da história do Brasil.

---

<sup>4</sup> Todos nós, de alguma forma já ouvimos falar de Zumbi, embora sua memória por muito tempo esteve ocultada, mas, muitos personagens negros precisam ser lembrados como sua esposa guerreira Dandara.

Dandara além de esposa de Zumbi dos Palmares com quem teve três filhos foi uma das lideranças femininas negras que lutou contra o sistema escravocrata do século XVII. Não há registros do local do seu nascimento, tampouco da sua ascendência africana. Relatos nos levam a crer que nasceu no Brasil e estabeleceu-se no Quilombo dos Palmares ainda menina. Não era muito apta só aos serviços domésticos da comunidade, plantava como todos, trabalhava na produção da farinha de mandioca, aprendeu a caçar, mas, também aprendeu a lutar capoeira, empunhar armas e quando adulta liderar as falanges femininas do exército negro palmarino. Dandara foi uma das provas reais da inverdade do conceito de que a mulher é um sexo frágil. (Disponível em: [https://www.geledes.org.br/dandara-a-face-feminina-de-palmares/?gclid=Cj0KCOjw8vnMBRDgARIsACm\\_BhIhSOQiLm0uM8Nn0dd9OHZdc5fwq2\\_Vg5oT2k4xJvu5YIFth5bjHQaAuE2EALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/dandara-a-face-feminina-de-palmares/?gclid=Cj0KCOjw8vnMBRDgARIsACm_BhIhSOQiLm0uM8Nn0dd9OHZdc5fwq2_Vg5oT2k4xJvu5YIFth5bjHQaAuE2EALw_wcB). Acessado em Ago. 2017).

Em tempos passados, mulheres brancas pouco mostravam seu corpo, as que faziam, eram duramente repreendidas ou estigmatizadas. Por outro lado, a nudez era parte da mulher negra, vista as imposições do próprio processo de escravização. Às escravas eram dados farrapos como vestimenta, isso por si só, já seria motivo para o corpo negro ser entendido e tratado como um objeto, além disso, outras práticas abusivas e de apropriação do corpo do outro, tornavam esse corpo, objeto do prazer alheio. Isso tornou-se algo cultural.

Passado o tempo, novelas, filmes, séries e tudo o mais, quando não mostram a mulher negra como a cabrocha ferosa, representam uma mulher negra forte, protetora das amigas, cuidadora dos filhos do outro, pobre e abdicada, nunca mostram uma mulher negra bem-sucedida profissionalmente, desejada e amada, como qualquer outra mulher, sendo cuidada. Sempre somos retratadas, com os resquícios da cultura patriarcal, racista, sexista que fundamentaram a história do nosso país. Ainda é “vendida” a ideia de que a mulher negra forte, trabalhadora, resistente, continua na condição de subalternidade, que abdica de criar seus filhos para cuidar dos filhos dos patrões, que não serve para ser amada, apenas para dar prazer, que não é competente para cargos hierarquicamente superiores e, infelizmente, as estatísticas corroboram essa ideia.

Partindo do princípio, da *Psicologia Behaviorista*, que o homem é o que o meio lhe proporciona e apresenta, entendemos, por que ainda hoje, as mulheres negras ocupam os cargos menos rentáveis, são as que trabalham mais, estudam menos em universidades, trabalham mais tempo e recebem os salários mais baixos. A representatividade da mulher negra intelectual, não está na televisão ou no cinema, não faz parte da nossa cultura, a mulher negra bem-sucedida, amada não figura nas capas de revista. Ela está escondida e quando aparece, ainda é vista como exceção.

Basicamente, a mulher negra é pouco estimulada a ser, a se ver, a se amar. Maior vítima de violência doméstica e abandono, maior número de mulheres chefes de famílias, a negra ainda é vista como a “gostosa”, que “não serve para casar” e chegamos ao cerne da questão tratada aqui. Embora a escravidão tenha ficado para trás a 129 anos, a mulher negra, continua sendo tratada como alguém sem valor. São vítimas da exploração sexual, da discriminação e da desigualdade racial e social. Não muito diferente dos tempos da escravidão, em que as negras, principalmente, aquelas que tinham corpo avantajado, eram escolhidas e levadas para *casa grande*, não só para servirem nos afazeres domésticos, mas também servirem aos caprichos e desejos sexuais de seus senhores e dos filhos dos mesmos. Essas mulheres eram humilhadas, abusadas e muitas vezes, eram obrigadas a se prostituírem e todo o dinheiro ganho, era entregue aos seus senhores. Aquelas que não rendiam lucro com a prostituição, permaneciam nas lavouras, onde também sofriam maus tratos e constantes abusos. O contexto histórico, deixou marcas tão profundas, que ainda hoje, podem ser sentidas na vida de muitas mulheres negras. Mulheres que saíram das senzalas e da casa grande, mas carregam consigo o estigma que as “negras são boas donas de casa”, babás, “ótimas cozinheiras” e “boas de cama”. A questão racial e a baixa escolaridade, tem dificultado sua inserção no mercado de trabalho, onde são maioria em posições de menor valor, se podemos tratar dessa maneira, recebendo baixíssimos salários.

São mulheres, que sofrem na alma com a solidão imposta, por uma sociedade machista e preconceituosa. Solidão essa, vivenciada também, por muitas jovens negras, que sonham com casamento tradicional. Mas poucas conseguem. Com muitas dessas jovens, a história se repete. Elas acabam sendo inseridas no mercado da prostituição, através das agências aliciadoras, onde são vendidas e exploradas, até mesmo com as promessas “do samba exportação”.

Uma pauta extremamente importante da comunidade de mulheres negras é a *solidão da mulher negra*. Devido à objetificação de nossos corpos, a cultura da “vagina mais quente” e nossa cultura ancestral de não demonizar nosso anseio sexual, somos as mais procuradas para dar prazer e mais abandonadas, menos assumidas, menos casadas e menos escolhidas para amar. E tudo isso influencia nosso processo de criação de autoestima, amor próprio. Diz muito sobre como agimos em relacionamentos, como aceitamos mais os relacionamentos abusivos e a violência doméstica. Pelo medo da solidão. Convivemos diariamente, com a ideia da “mulata exportação”, não com a ideia de mães de família. Doloroso, porque essa é a ideia de uma sociedade, homens nos veem como objeto de desejo e mulheres nos veem como arque inimigas, sexualmente insaciáveis e despudoradas.

Somos levadas a odiar nosso rosto, nosso cabelo, nossos corpos, somos induzidas a nos considerarmos feias e buscamos alternativas para parecermos mais “aceitáveis”. Todas as impressões causaram muitos completos e influenciou a formação da identidade das mulheres negras brasileiras por séculos. Nos ensinam que nosso padrão estético é o mais feio existente, mas, o mais gostoso de se tocar e sentir sexualmente.

Outro ponto importante de nossa reflexão, é a violência. Negras, parecem mais vulneráveis a situações de violência e aviltamento, diariamente mulheres, em sua maioria negra sofrem agressões, estupros e mortes. Muitos desses casos se justificam por um sentimento de posse, propriedade sobre o corpo do outro, sobre “a carne mais barata do mercado”. As estatísticas mostram que essa violência é culturalmente, aceita, porque os casos só se multiplicam, sem denuncia, sem punição, sem mudança. O corpo negro, continua sendo expropriado, com uma permissividade da sociedade. Retornamos à nossas origens machistas, patriarcais e eurocêtricas.

Segundo dados da Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180<sup>5</sup>), no ano de 2014 foram registrados 485.105 casos de violência contra a mulher. Desse total, **59,4%** dos atendimentos refeitos, diziam respeito a vítimas negras. Já o Dossiê Mulher 2015, do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, aponta que 56,8% das vítimas dos estupros registrados no Estado em 2014 eram negras e 62,2% dos homicídios de mulheres vitimaram pretas (19,3%) e pardas (42,9%).

---

<sup>5</sup> O Ligue 180 é um serviço de utilidade pública gratuito e confidencial (preserva o anonimato), oferecido pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. A Central recebe denúncias de violência, reclamações sobre os serviços da rede de atendimento à mulher e orienta as mulheres sobre seus direitos e sobre a legislação vigente, encaminhando-as para outros serviços quando necessário. É um dos eixos do Programa ‘Mulher: Viver sem Violência’. (Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/pesquisas/balanco-2015-do-ligue-180-central-de-atendimento-a-mulher-spm-2016/>. Acessado em Ago. de 2017.)

A ideologia na qual homens brancos ou negros e, mulheres brancas, se colocam como dominadores e, em contrapartida, deixam a negra na condição de dominada, prevalece ainda hoje. Seu corpo é o mais vulnerável, embora não seja o mais frágil, mas é o que está mais a mercê da violência, física, psicológica ou cultural, diariamente é expropriado, desvalorizado, subjugado. “Karl Marx ligava a ideologia aos sistemas teóricos (políticos, morais e sociais) criados pela classe social dominante. A ideologia da classe dominante tinha como objetivo manter os mais ricos no controle da sociedade.” Estendemos esse pensamento, também a condição étnica, que muitas vezes se relaciona intimamente, com a condição socioeconômica.

### **3. SER NEGRA NO CENARIO BRASILEIRO**

Apesar do mito da “democracia racial”, sabemos bem, que o padrão das relações sociais no Brasil ainda tenta manter o negro sob o jugo dos brancos. As desigualdades continuam sendo reproduzidas pelo sistema vigente, que faz manutenção da exclusão racial e social dos negros.

Aqui [no Brasil], o fato de que o trabalho do negro tenha sido desde os inícios da história econômica, essencial à manutenção do bem-estar das classes dominantes, deu-lhe o papel central na gestação e perpetuação de uma ética conservadora e desigualitária. Os interesses cristalizados produziram convicções escravocratas arraigadas e mantêm estereótipos que ultrapassam os limites do simbólico e têm incidência sobre os demais aspectos das relações sociais. (SANTOS, 2003)

Recentemente, aconteceu o concurso Miss Brasil Be Emotion<sup>6</sup>, tradicional concurso de beleza, que elege a mulher mais bela do país. Depois de longos 26 anos, na edição de 2016 uma jovem negra ganhou o concurso. Em 2017 a “façanha” é repetida e, uma outra jovem negra ganha o concurso de mulher mais bela do país. A revolta dos sujeitos com a vitória da candidata piauiense, foi amplamente manifesta nas redes sociais. De todas as ofensas proferidas, gostaríamos de citar uma que ilustra a argumentação de nosso texto: “Credooooo! A miss Piaui tem cara de empregadinha, cara comum, não tem perfil de miss, não era pra tá aí?”<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Considerado o maior concurso de beleza do país, o Miss Brasil Be Emotion irá revelar a mulher mais bonita do Brasil. Representantes dos 26 estados mais o Distrito Federal deverão demonstrar confiança e força, sem perder a sua naturalidade, para transformar o sonho de receber a tão desejada coroa em uma realidade emocionante. Além de representar o Brasil no Miss Universo, a eleita será a embaixadora da BE Emotion e uma influenciadora que marca não só a sua, como várias gerações.

Muito mais do que uma referência de beleza, a Miss desempenha um papel fundamental na sociedade: representar a voz e a alma da mulher contemporânea, que busca cada vez mais o respeito, os direitos iguais e o valor de suas opiniões. Ser bela, carismática e simpática é essencial. No entanto, é preciso saber usar essas qualidades para transformar, engajar e fazer a diferença. A personalidade da Miss deve transcender em suas atitudes, porque a coroa não representa somente seus aspectos físicos, mas também a sua responsabilidade e o compromisso em inspirar as pessoas a se tornarem seres humanos melhores para o mundo. (Dados disponíveis em <http://missbrasil.beemotion.com.br/sobre/>. Acessado em Ago. de 2017).

<sup>7</sup> Fonte internet.

O que vemos aqui? 1) Racismo, puro e simples; 2) Preconceito social, como se, ser empregada doméstica, fosse uma demérito; 3) Esteriotipação, mulheres negras são feias e intelectualmente incapazes, não reúnem os pré-requisitos para serem miss.

No último sábado (19/08) aconteceu a 63ª edição do prêmio **Miss Brasil**. O concurso contou com uma vencedora negra pelo segundo ano consecutivo, embora ela seja apenas a **terceira** desde sua inauguração, em 1954.

Esses dados são alarmantes e abrem espaço para discutir a representatividade negra em concursos de beleza, dada a predominância do padrão branco e eurocêntrico.

(...)

Alguns dos ataques mencionavam a Miss Rio Grande do Sul, manifestando aborrecimento por a gaúcha ter perdido a disputa. Internautas protestaram no Twitter, afirmando que a brasilidade também era branca, e questionando a capacidade intelectual de Monalisa.<sup>8</sup>  
(Grifos do autor)

Esse é um claro exemplo de como a negra é vista e tratada na sociedade brasileira. Somos sim ainda vistas como objetos de prazer e, excelentes trabalhadoras domésticas, exercendo tarefas que não exigem alto grau de intelectualidade.

Mas mesmo no cenário adverso como este, as negras têm buscado seu espaço através próprio movimento feminista negro, que trouxe benefícios significativos para a mulher negra, mostrando e valorizando a cultura negra, que uma grande parte de negros e negras não tinha acesso: O encorajamento de usar cabelos naturais, se desprendendo do “padrão de beleza” imposta pela sociedade que dizia que mulher bonita precisava alisar o cabelo, acessórios culturais, etc. Além de mostrar o valor e a rica contribuição que a cultura negra trouxe para a construção da cultura e identidade brasileira.

O preconceito está penetrado na cultura brasileira, explicitado por exemplo, quando ouvimos dizer que o dia *20 de novembro*, Dia da Consciência Negra, e as cotas raciais para ingresso em universidades públicas são taxadas como “vitimização” não levando em conta anos e anos de abuso, falta de oportunidades e desvalorização que a escravidão trouxe consigo. O racismo brasileiro está no cotidiano, com comentários e expressões preconceituosas como quando citam o dito popular “Amanhã é dia de branco”, afirmando que negros são vagabundos; “Inveja branca” que associa negro à comportamentos negativos que mostra a “inveja branca” como sendo algo positivo.

Segundo dados do IBGE, em 2009, as mulheres negras correspondiam a cerca de ¼ da população brasileira (o número hoje passa de 200 milhões), nos custa acreditar que esse quantitativo de pessoas não é valoroso, que a força dessas mulheres não é imperiosa no processo de construção dessa sociedade. A mulher negra, por grande período da sua história (até hoje) foi a base de sua família, sendo constituída dela e de seus filhos. Fato constatado, os negros e aí, as negras duas vezes, pela condição da raça e gênero, precisam fazer um esforço maior, para ascender social, econômica e profissionalmente, porque precisam lidar sim com a objetificação de seus corpos, com a sexualização de seu ser, especialmente, porque esse é um problema que

<sup>8</sup> Dados disponíveis em: <http://claudia.abril.com.br/noticias/miss-brasil-2017-comentarios-racistas/>. Acessado em Ago. de 2017).



“não existe”, é aceitável ver uma mulher negra pintada dançando espalhafatosamente na televisão. É ainda uma dificuldade para a população brasileira em assumir a questão racial como um problema que necessita ser enfrentado. Enquanto isso não ocorrer as mulheres negras vão tentando combater isso "enfrentando" sempre a sociedade.

Pensando a construção da identidade nacional brasileira, não poderíamos deixar de pensar na situação das mulheres negras, porque somos negras e temos urgência em sermos ouvidas, em mostrarmos ao mundo quem somos. Segundo, por que muito do que vivemos hoje, está arraigado no processo histórico de construção de nossa identidade e cultura enquanto nação. Valores construídos e difundidos sem maiores sacrifícios pela lógica do dominador, que vê no domínio do corpo do outro a maior conquista. Essas são impressões iniciais de nossa pesquisa, que terão ainda um processo de maturação para que se tornem propostas concretas de intervenção, para que possamos contribuir efetivamente para a construção de uma nova identidade cultural.

### 3. CONCLUSÃO

*“Quando as vidas das mulheres negras realmente tiverem importância, o mundo será transformado.”  
(Angela Davis, 2017)*

Tratar sobre as questões que envolvem a mulher negra na sociedade brasileira é no mínimo desafiador, afinal de contas ser mulher e ser negra, no Brasil é fazer parte de uma categoria que sempre sofreu e sofre em sua vida cotidiana, sendo estigmatizada, pela discriminação nos aspectos sexual, social e principalmente racial.

Após muito tempo de humilhação, exploração sexual, maus tratos, a abolição dos escravos trouxe uma possibilidade de mudanças para uma vida de sofrimento e luta, no entanto esta não colaborou de forma efetiva para a tão esperada equidade social e racial. As inúmeras conquistas alcançadas através de movimentos sociais ao longo dos anos seguintes ao período de escravatura, não anula todas as discriminações, a marginalização, as exclusões sociais sofridas por segmento populacional, que se perpetuam até os dias de hoje.

As reflexões desse artigo partem da prerrogativa de que é preciso conhecer a realidade para contribuir com alterações na mesma, realizando um resgate do percurso histórico da vida de mulheres que lutam na perspectiva de superar as desigualdades que lhe são impostas, na luta por reconhecimento e garantias, que lhe permitam ser mulher em sua plenitude.

Segundo dados do IBGE, de 2009, as mulheres negras correspondiam a cerca de ¼ da população brasileira (o número hoje passa de 200 milhões), nos custa acreditar que esse quantitativo de pessoas não é valoroso, que a força dessas mulheres não é imperiosa no processo de construção dessa sociedade. A mulher negra, por grande período da sua história (até hoje) foi a base de sua família, sendo constituída dela e de seus filhos. Fato constatado, os negros e aí, as negras duas vezes, pela condição da raça e gênero, precisam fazer um esforço maior, para ascender social, econômica e profissionalmente, porque precisam lidar sim com a objetificação de seus corpos, com a sexualização de seu ser, especialmente, porque esse é um problema que “não existe”, é aceitável ver uma mulher negra pintada dançando espalhafatosamente na televisão. É ainda uma dificuldade para a população brasileira em assumir a questão racial como um problema que necessita ser enfrentado. Enquanto isso não ocorrer as mulheres negras vão sendo tratadas como nada, vão morrendo, vão sendo anuladas em seus desejos e potencialidades.

A busca pela construção de sua identidade, advém das inquietações de mulheres negras que se entendem como sujeitos sociais, atores e autores de sua história, que buscam o protagonismo para construir e narrarem suas histórias, sendo centro e, não mais, meio para o protagonismo alheio. Queremos e lutamos para deixarmos de ser “a carne mais barata do mercado”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Janys. Os desafios de ser mulher e negra no Brasil. Disponível em: <http://mulheresemluta.blogspot.com.br/2015/07/os-desafios-de-ser-mulher-e-negra-no.html>. Publicado em Jul. de 2015. Acessado em: 20 de mai. de 2016.
- BERGER, Peter L. A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BORGES, Edson, MEDEIROS, Carlos Alberto e D'ADESKY, Jacques. Racismo, Preconceito e Intolerância. São Paulo: Atual. 2002. 80 p.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. Senado Federal. Estatuto da Igualdade Racial: Dispõe sobre a instituição do Estatuto da Igualdade Racial, em defesa dos que sofrem preconceito ou discriminação em função de sua etnia, raça e/ou cor. Paulo Paim. Brasília, 2003.
- Carneiro, Sueli. (2011) Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro.
- DAMATTA Roberto. Carnavais malandros e heróis. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- Estado e Sociedade. In: Curso de Formação em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça/GPP-G e R. Modulo V ,unidade V.
- FREIRE, G. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal .São Paulo: Global, 2003
- HOOKS, B. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995.
- MEDEIROS, João Luiz (org.). Identidades em movimentos: nação, cyberspaço, ambientalismo e religião no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.
- NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento / Alex Ratts (org) . São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007
- PIOVESAN, Flávia. Direitos humanos e o direito constitucional internacional. São Paulo: Saraiva 2010.
- SANTOS, G. G. e Silva, M. P. da. (orgs.) Pensando a transversalidade de gênero e raça in: Racismo no Brasil. Ed. Fundação Perseu Abramo. 2005
- SANTOS, Gevanilda. Relações raciais e desigualdades no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. A mulher negra brasileira. In: Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 5 - Maio. Disponível em: [www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com)  
VALENTE, Ana Lúcia E. F. Ser negro no Brasil hoje. São Paulo: Moderna, 1994.